



# A história do Chá em S. Miguel (Século XIX)

“Viajar no espaço oitocentista” (a expressão é da Professora Susana Goulart Costa) é a melhor definição que encontro para este grande – em todos os sentidos da palavra – livro, resultante da tese de doutoramento do historiador e investigador Mário Fernando Oliveira Moura, um ribeira-grandense de gema e um açoriano a quem muito deve a nossa cultura e a defesa dos nossos valores patrimoniais.

Em boa hora a Câmara de Ribeira Grande decidiu a publicação desta obra. Por vários motivos, entre os quais se pode destacar a profundidade e vastidão da investigação sobre os primórdios da cultura do chá, a abrangência dos fluxos históricos que nos leva aos principais acontecimentos e vultos do século XIX, essencialmente aqueles que estiveram ligados à Agricultura e à sua divulgação, e a vasta bibliografia consultada e no livro perpetuada que nos permite fazer uma ideia do muito que neste atravessar de três séculos já se escreveu sobre a mais fina cultura açoriana.

Felizmente, nos últimos anos, aquilo que muitas vezes era só para determinadas elites culturais – estou a falar de teses, sejam elas de Mestrado ou Doutoramento – começou a chegar ao grande público, mercê da sua publicação em livro. E depois de ter lido as 450 páginas deste, já que nem me atrevi a entrar nas outras 150, dedicadas a notas e bibliografia, pensei no que se perderia se esta Tese tivesse ficado circunscrita ao meio académico e do próprio autor.

Há cerca de três anos, e da autoria do Professor Virgílio Vieira, li um outro trabalho intitulado “Chá dos Açores” e tinha-me deliciado com aquelas 150 páginas que constituem um verdadeiro hino ao chá, nas suas múltiplas vertentes, histórica, económica, social, gastronómica e artística. Uma obra com prefácio do Professor Machado Pires, para quem, “o chá tem uma enorme força caracterizadora no quadro da identidade açoriana, que no plano económico, quer no histórico, quer mesmo no estético”.

Com este *História do Chá em S. Miguel*, Mário Moura brinda-nos com uma obra diferente, circunscrita ao século XIX, e a convidar-nos, ou melhor, a abrir-nos o apetite para que seja feito idêntico trabalho sobre os caminhos do chá no século XX e as vicissitudes que levaram ao desaparecimento de tantas plantações e fábricas e ao heroísmo empresarial dos que apostaram na sua manutenção, como é o caso da Gorreana, ou na sua “ressurreição”, testemunhada pela “Porto Formoso”.

Seria desnecessário, mas digo: Nestas mais de duas semanas em que este livro me tem sido companhia, tenho aprendido mais do que em toda a minha vida, sobre esta matéria, essencialmente porque Mário Moura tem um dom que nos faz cativar e prender à leitura. Todo o livro, todos os capítulos e todos os factos são apresentados com um notável encadeamento histórico, levando-nos a assimilar e a reviver vivências e experiências noutros sectores da vida regional, nacional e até internacional. Destaque para a forma como aborda os principais momentos da luta autonómica que levou



à descentralização de 1895, e ao grande papel da Sociedade Promotora da Agricultura Micaelense, e dos célebres Boletins *O Agricultor Micaelense* e *O Agricultor Açoriano*. Hoje, que tanto de fala da diversificação da agricultura nos Açores, é saboroso ler o Capítulo II desta obra que trata da Agricultura micaelense no Século XIX, as suas crises e o esforço também pela sua diversificação.

Por outro lado, com o carácter científico que enforma todo o trabalho de Mário Moura, ao ler este livro esfuma-se em nós uma certa visão “cor-de-rosa” dos acontecimentos que nos leva a pensar que foi fácil aos pioneiros da agricultura açoriana a introdução de novas

culturas, como o chá e o ananás. No caso concreto do chá, vale a pena ler todo o capítulo III desta obra que nos leva às primeiras experiências e em que ficamos a saber que no continente português também houve tentativas para o cultivo da planta que, igualmente conheceu algumas experiências na Ilha da Madeira. Por cá nos Açores, e entre muitos protagonistas, Ernesto do canto e José do Canto e José Jácome são figuras de proa, pelo poder de decisão e determinação.

Como diz Susana Goulart Costa no prefácio, com esta tese e este livro, Mário Moura “organizou um colectivo informacional que estava, até agora, disperso por múltiplos estudos; e aumentou o conhecimento

sobre um elemento identitário do Concelho de Ribeira Grande e da Ilha de São Miguel – o chá – salientando a sua inovação e desbravando a sua capacidade de sobrevivência até à actualidade”.

E, dentro do mesmo espírito, Alexandre Gaudêncio, Presidente da edilidade ribeira-grandense, escreve com toda a propriedade que “é preciso mergulhar na história e nas estórias do chá em São Miguel para se perceber como chegou, como se desenvolveu, como proliferou e como no presente, apenas duas fábricas resistem à passagem dos anos, à erosão dos tempos, à ameaça constante da modernização”.

No dizer de Onésimo Almeida que apresentou o livro na cidade da Ribeira Grande, “a presente obra é, mais uma vez, o resultado do pertinaz e laborioso empenho de um investigador nato. O seu louvável denodo de solista teimoso já nos dera, aliás, obras sobre o Arcano da Ribeira Grande, bem como tantos outros trabalhos que têm trazido a público muitos aspectos importantes da história deste

Concelho”. De facto, Mário Moura, desde meados da década de noventa, do século passado, tem vindo a presentear-nos com dezena e meia de obras, todas elas fruto de investigação histórica, mas eivadas de um profundo conceito de divulgação de factos e personalidades ligadas à “sua” Ribeira Grande e aos Açores em geral.

Mas o que mais me cativa em Mário Moura é o seu poder de comunicação: simples, criativo, mas sempre carregado de ensinamentos. Desde há muitos anos me habituei a vê-lo e ouvi-lo, em comentários às diversas tradições da Ribeira Grande, como as Estrelas ou as Cavalhadas, e também na sempre longa transmissão do Cortejo etnográfico das grandes festas do Espírito Santo em Ponta Delgada. E tenho a certeza de que, em matéria da história do chá, teremos a sua continuação, porque o século XX está à espera de ficar perpetuado, como acima referi.

Da leitura deste livro fica, para mim, e acima de tudo, uma lição de história e um verdadeiro hino de louvor ao pioneirismo de uma pleiade de açorianos que, em tempos bem difíceis, conseguiram abrir caminhos de modernidade nestas ilhas, arrostando com dificuldades, vencendo crises, lutando contra adversidades e centralismos para poderem firmar o futuro de diferença e de progresso de que hoje nos orgulhamos. Esta lição está neste livro e está em tudo o que Mário Moura nos tem dado e continuará a dar.

Por isso mesmo, neste abraço, e aqui nestas *Leituras do Atlântico*, deixo o meu agradecimento pela oportunidade que me deu de tanto ler e aprender, com uma certeza: este *História do Chá em S. Miguel* é um livro para a história. E merece leitura atenta de quem se interessa pelos saberes e sabores que são muito nossos! Pelos Açores!